

O tecer diário e a formação na docência em língua estrangeira

Maryssol Gomes Gonçalves*
Flavia Braga Krauss de Vilhena**

Resumo: Esta reflexão busca pensar a experiência da escrita de diários dialógicos a partir do relato de uma bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID em Língua Espanhola, no curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), no período de 2018/2, campus de Tangará da Serra – MT. Partindo da implantação de diários dialógicos na formação de professores de língua espanhola, e o processo de desenvolvimento da escrita a partir da observação feita em sala de aula, da observação analítica e da experiência subjetiva na elaboração desses diários e registros, o processo narrado aqui nos mostra como essa escrita pode dar suporte à organização da vivência de sala de aula pela aluna através da observação, da aplicação do conteúdo planejado e executado pelo professor de classe, os ajustes ao longo do período, as repostas do grupo ao conteúdo de espanhol proporcionado pelo docente. A aluna narra o desenvolvimento da sua escrita, as mudanças que ocorreram durante esse processo, tanto no registro do que foi observado como na forma de registrar a experiência, iniciando com uma postura mais objetiva e se transformando em uma observação mais subjetiva do contexto da sala de aula e do ensinamento do espanhol. Os diários dialógicos como ferramenta de investigação e ação propõe uma análise constante da experiência de docência conduzindo o futuro professor e o professor a fazer uma busca além do que é proposto como conteúdo, mas observar a interação com a sala de aula, as respostas à didática escolhida e o envolvimento do grupo com a aprendizagem.

Palavras-chave: ensino; aprendizagem; formação de docentes; Diários dialógicos.

El tejer diario y la formación en la enseñanza de una lengua extranjera

Esta reflexión busca pensar la experiencia del proceso de escrita de los diarios dialógicos a partir de los informes de una becaria del Programa Institucional de Becas de Iniciación a la docencia en Lengua Española, en la carrera de Letras de la Universidade del Estado de Mato Grosso (UNEMAT), en el periodo de 2018/2, campus de Tangará da Serra – MT. Partiendo de la implementación de los diarios dialógicos en la formación de profesores de lengua española, y del proceso de desarrollo de la escrita a partir de la observación hecha en clases, de la observación analítica e de la experiencia subjetiva en la elaboración de dichos diarios y registros, el proceso de desarrollo narrado nos muestra como esta escrita puede dar soporte a la organización de la experiencia del aula de clases por la alumna a través de la observación, de la aplicación del contenido planeado y ejecutado por el profesor del aula, las negociaciones a lo largo del periodo, las repuestas del grupo al contenido

* Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras na Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT/Campus de Tangará da Serra. e-mail: maryssolgomes@gmail.com.

** Professora Doutora do curso de Letras na Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT/Campus Tangará da Serra. e-mail: flaviakrauss@hotmail.com.

de español por el maestro. La alumna narra el desarrollo de su escrita, los cambios que ocurrieron durante el proceso, tanto en el registro de lo que se observó como en la forma de registrar la experiencia, empezando con una postura más directa que se transformó en una observación más subjetiva del contexto del aula de clases y de la enseñanza del español. Los diarios dialógicos como una herramienta de investigación y acción propone un análisis constante de la experiencia de enseñanza encaminando el futuro maestro y el maestro a hacer una busca más allá de lo que se propone como contenido para observar la interacción en la clase, las respuestas a la didáctica elegida y el involucramiento del grupo con el aprendizaje.

Palabras clave: enseñanza; aprendizaje; formación de docentes; diarios dialógicos.

O começo da experiência

O meu lugar de começo. Início como aluna do primeiro semestre de Letras – habilitação em Espanhol, da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – campus de Tangará da Serra, em 2018/2. Aos 45 anos de idade, retomar os estudos e buscar uma graduação em licenciatura na área de Letras, que há muito foi postergada em detrimento de uma série de outras demandas tratadas como prioridades, não foi uma decisão fácil, mas tornou-se simples a partir do momento que percebi que finalmente alinhei um querer antigo com a realidade do momento que buscava viver. Simples em termos, pois apesar da realização de um desejo antigo trazer muita satisfação a cada etapa, os desafios surgidos com essa escolha vêm, a cada momento, se apresentando, de certa forma: tais desafios são trabalhosos, porém construtivos na sua realização. O que se apresentou como maior deles para mim foi escrever.

Logo no início do curso, fiquei sabendo da possibilidade de participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em língua Espanhola, através da professora coordenadora Flavia Braga Krauss de Vilhena. Decidi participar, mesmo não sabendo muito bem do que se tratava no início. Nas primeiras reuniões do grupo recebemos da nossa coordenadora as instruções sobre o funcionamento da nossa observação-monitoria e nos foi apresentado o texto: *Diarios Dialógicos: Cuadernos de Bitácora, de Consol Aguilar*, para leitura. A professora nos propunha a utilização do recurso dos diários dialógicos para acompanhamento das aulas e desenvolvimento de reflexão sobre as experiências

vividas em sala. O texto de Aguilar narra a vivência com a escritura de diários dialógicos cooperativos ao longo de uma experiência de docência na *Universitat Jaume I*, em Castellón de la Plana, na Espanha. Em justificativa à sua escolha pelos diários como recurso, a autora cita em seu artigo Miguel Zabalza:

Os diários contribuem de uma maneira notável ao estabelecimento dessa espécie de círculo de melhora capaz de nos introduzir em uma dinâmica de revisão e enriquecimento de nossa atividade como docentes. Este círculo começa pelo desenvolvimento de uma consciência, contínua pela obtenção de uma informação analítica, e vai se desenvolvendo através de outra série de fases: a previsão a necessidade de mudanças, a experimentação dessas mudanças e a consolidação de um novo estilo pessoal de atuação. (ZABALZA apud AGUILAR, 2005, p. 150)¹

Fiz muitas leituras do texto e compreendi a ferramenta como recurso na formação de nós alunos e futuros docentes de língua espanhola.

Começaram as observações em sala de aula. Acompanhamos em dupla a professora supervisora do projeto em cinco turmas diferentes do Ensino Médio na Escola Estadual 29 de Novembro, em suas aulas de Língua Espanhola. Nas primeiras aulas, apesar de ter lido o texto e compreendido que a proposta dos diários dialógicos seria fazer uma análise mais antropológica da sala de aula, como as dinâmicas entre professor, alunos e conteúdo (e porque não nós, as/os pibidianas?), parecia que algo nos limitava a fazer observações extremamente objetivas e registrarmos apenas o conteúdo ministrado pela professora, quase um registro de plano de aula.

Registro diário 26.10.2018

Escola 29 de novembro

Aulas de Espanhol – Alessandra

7h – Oficina de Español – 1º ano

A oficina mistura alunos de diversas turmas de espanhol do 1º ano.

Apresentação em grupos – receitas em Español.

1º Grupo – Picado, Argentina

2º Grupo – Chipa paraguaia, Paraguai.

3º Grupo – Relleña de Pollo, Peru.

4º Grupo – Colombia

5º Grupo – Ovo a Mexicana, México.

¹ “Los diarios contribuyen de una manera notable al establecimiento de esa especie de círculo de mejora capaz de introducirnos en una dinámica de revisión y enriquecimiento de nuestra actividad como docentes. Dicho círculo comienza por el desarrollo de la consciencia, continúa por la obtención de una información analítica, y se va sucediendo a través de otra serie de fases: la previsión de la necesidad de cambios, la experimentación de los cambios y la consolidación de un nuevo estilo personal de actuación.” ZABALZA apud AGUILAR, *Diarios Dialógicos: Cuadernos de Bitácora*. p. 150.

6º Grupo – Não apresentou, Chile.
Realização de oficina cartonera sob a coordenação de nossa coordenadora, professora Flavia.

Outro fator que hoje me chamou a atenção era nosso desejo de querermos nos “invisibilizarmos” perante a sala de aula: pelo menos este era o meu desejo, e do colega que me acompanhava nas manhãs de sexta-feira. Nas reuniões semanais mesmo sem ver os nossos diários, a professora Flavia notava que não estávamos atingindo o resultado esperado, estávamos bastante mecânicos e engessados em nossas anotações. Fiz novas leituras do texto de Aguilar. Compreendia a proposta, porém, não conseguia executá-la.

Um novo texto foi proposto pela professora coordenadora. *Toda notícia que couber, a gente publica, de Robert Darnton*. Fizemos a leitura do texto. O ponto que mais me chamou a atenção não foi exatamente o objetivo pelo qual ele foi proposto. Havia me detido ao fato de que o autor menciona o quão difícil é escrever para um público do qual só se tem uma vaga ideia de quem é o leitor final. Após discussões no grupo e a orientação da professora para os detalhes em que o texto descreve a dinâmica em uma sala de edição de um jornal, me senti mais encorajada a tecer um olhar mais antropológico sobre a observação das aulas e das aulas de língua espanhola. As mudanças podem ser vistas claramente no meu diário sobre as aulas. Ainda é bastante difícil compreender o por que não conseguíamos tecer um olhar mais humano sobre essa interação do aprendizado, falo pela minha experiência, mas parece que foi uma dificuldade com que todo o grupo teve que lidar. Trechos do diário após essa nova reflexão:

Registro diário 20.02.2019 – Quarta-feira

Escola 29 de Novembro.

8h – 3º Ano D

Começamos a aula com os alunos bem animados, na primeira aula eles tiveram uma música e estavam empolgados com as classes de espanhol.

Nos apresentamos como alunos do PIBID e o que estávamos fazendo em sala.

Um aluno estava com o crachá de permissão para ir ao banheiro, ele se levantou para sair e a professora disse que quem libera o crachá é ela e naquele momento ele não poderia sair, após as apresentações, aluna nova e estagiários PIBID, a professora comentou o conteúdo, muy e mucho...”

9h15 – 2º Ano G

“Alunos que chegaram atrasados não entrarão após a professora, deverão ir a coordenação e justificar o atraso.

A sala é bastante conversadora.
A profe pareceu ter menos paciência com essa turma.
Continuação da música dada na última aula. Turma participa da correção embora se comporte meio dispersa.
Turma conversa bastante e é bem dispersa...”
10h10 – 2º Ano D
“Nesta sala tem um aluno de origem indígena ele pede para ir ao banheiro e é o primeiro que não se incomoda em usar o crachá de permissão, coloca no pescoço e sai numa boa pelos corredores.
Vamos ouvir a música e preencher as lacunas.
Dois alunos do fundo se debruçam sobre as carteiras e dormem na aula. Um deles cobre o rosto com o moletom e parece mexer no celular escondido. Eles acham graça das palavras em espanhol.
Sala tranquila...”
11h05 – 1º Ano B
“Turma bem agitada. Super conversadeira.
Apresentação do Pibidianos.
As alunas do fundo chamam a atenção da professora lá para o fundo e é um grupinho bem conversador.
Aluna do outro canto da sala manda o grupo do fundo calar a boca.
No pátio alguém está cortando o cabelo dos alunos e isso bagunça a turma.
Os alunos do fundo querem a minha atenção...”

Nos dois diários apresentados é bem visível a mudança de abordagem na minha narrativa. Nos trechos do diário de 20.02.2019, a narrativa se dá de forma mais solta pra registrar todas as impressões e ocorrências em sala, e uma menor preocupação em documentar o conteúdo apresentado. No diário do dia 26.10.18, foi feito um registro objetivo e seco do que ocorria na sala. A discussão do segundo texto foi o ponto de divisão desses dois momentos. Embora o texto de Aguilar explique claramente do que se tratam os diários dialógicos, o segundo texto funcionou como uma autorização mais explícita para caminhar pela escrita de uma forma mais detalhista e livre, que me conduziria para uma ação mais reflexiva e analítica do exercício da docência.

A escritura dos diários dialógicos e a experiência de escrever

Escrever nos faz organizar em texto o que queremos "dizer", ou "passar", isso nos leva a uma reflexão mais distanciada sobre o assunto. À medida que vamos escrevendo, as coisas vão fluindo e me pareceu que alguns insights que chamei de cliques foram ocorrendo na minha cabeça. Um novo modo de ver aquilo surgiu. Acredito que seja um amadurecimento por conta do conteúdo mais trabalhado, ou

melhor trabalhado dentro de nós. Bem diferente de só observar ou só se falar sobre isso.

A dificuldade inicial em escrever os diários dialógicos surgiu primeiro em mim em função de não ter muita facilidade com a escrita. Apesar de ser uma boa leitora e ter o curso de direito incompleto - portanto alguma experiência em escrever - sempre tive uma dificuldade muito grande em lidar com os textos escritos por mim, uma grande autoexigência que me fazia abandonar o trabalho pelo caminho.

Escrever os diários de forma objetiva, somente abordando o conteúdo de uma forma bem rápida e sucinta, foi bastante simples, uma fuga frente ao trabalho de escrever textos mais elaborados sobre o que realmente aconteceu em sala de aula.

Nesse sentido, concordamos com Claudia Riolfi quando descreve o ato de escrever como um exercício de enfrentamento:

Trata-se de um exercício de enfrentamento com a massa desordenada das ideias e com a materialidade significativa que requer fôlego, discrição e paciência. (RIOLFI, 2003, p. 49)

Sempre houve em mim um desejo enorme por escrever, por produzir bons textos, que agradassem antes de mais nada a minha leitura, porém sentia um abismo enorme na realização de que esse desejo pudesse se tornar realidade. Sabia que o maior enfrentamento na faculdade de Letras seria o meu texto. E ele começou a ser trabalhado através de diários, mais especificamente os diários dialógicos sobre as observações das aulas de Língua Espanhola.

Vencida a fase de me autorizar a escrever, veio a da escrita em si, dos diários dialógicos, propriamente ditos.

Fui percebendo que, ao escrever, colocando no papel as observações que fazia em sala, dava-se um processo diferente, porque, mesmo que de forma mais simples, e ter a ideia de que um “diário” ao princípio se parece com uma transcrição da fala, ainda assim escrevê-lo foi me dando uma segurança sobre a experiência - mesmo que depois voltasse para ler os relatos e os achasse ruins. Documentar os fatos experimentados transformou a experiência num objeto de estudo e descaracterizou um pouco a questão de parecerem observações pessoais ou uma intromissão no trabalho do professor em sala. Ainda sobre escrever, Riolfi propõe o seguinte verbete de dicionário:

Escrever: processo através do qual, por meio do uso das marcas gráficas convencionais de uma dada língua, um sujeito torna-se permeável para que o escrito nele trabalhe, deslocando-o sucessivas vezes da posição original de onde o produziu. (RIOLFI, 2003, p. 50)

Ao me permitir o enfrentamento com a massa desornada de minhas ideias, ao me permitir a experiência de escrever os diários dialógicos, notei que, aos poucos, foi se transformando o meu envolvimento com a sala, com a aula dada pelo professor e a minha condição de aluna em estágio de formação em docência de língua estrangeira. A preocupação ou incômodo em estar interferindo na aula dada pela professora foi sendo distanciada à medida que eu interpretava esse gesto como investigativo; observar o ambiente e escrever sobre ele na suas mais variadas nuances transformou este local de trabalho – chão da fábrica, como se diz na escola - em meu objeto de estudo e me sensibilizou para o que será no futuro o meu trabalho.

No início, ao me sentir vulnerável e exposta a essa experiência, procurei criar uma objetividade e até uma certa rudeza ao relatar os diários e desta forma criei uma barreira ao que a vivência de sala de aula poderia me proporcionar, uma objetificação na realização da experiência em si. A produção dos diários dialógicos narrados de forma mais analítica produziram o contrário. Escrever criou o distanciamento necessário para que a experiência fosse vivida na sua totalidade e ainda assim se tornar um importante objeto de estudo e formação na docência. O autor Jorge Larrosa fala que:

O Sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos”, mas a “ex-posição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (LARROSA, 2018, p. 26)

Se estou trazendo esta citação à baila é porque foi exatamente esta a sensação com a qual me deparei ao dar início à experiência narrativa de escrever os diários: me vi exposta à sala de aula.

Entretanto, via diários dialógicos, acabei quebrando a parede inicial que coloquei entre mim e a experiência, comecei a perceber melhor o comportamento dos alunos, a compreender o porquê de certas atitudes, daquele que somente dorme no fundo da sala porque trabalha à noite, da aluna que fala muito porque quer a atenção de todos, dos grupos que se formam por afinidades e gostos.

Também pude notar o que sentem em relação à língua que estavam aprendendo, no caso o espanhol. Achavam uma certa graça ao ouvir a pronúncia das palavras, quando repetiam, faziam gracinhas, de algum modo se divertiam com a língua. Identifiquei como um ponto que poderia ser melhor explorado – as representações que circulam ao redor da língua espanhola e as sensações que suscitam em sala de aula -, pensando em mim como futura professora da língua.

Também notei que fui mais abordada pelos alunos quando saí do lugar que objetificava a sala de aula e me expus à experiência. Algum gelo foi quebrado. Também passei a ser parte da sala deles, mesmo como sujeito observador.

Escrever os diários em sala rapidamente e depois ter a possibilidade de lê-los novamente e de revisitar o vivido me ajudou a elaborar a experiência, encontrar um sentido para a vivência. Neste sentido, concordamos com o colocado por Larrosa, quando afirma:

A impossibilidade de elaborar as experiências, de lhes dar um sentido próprio. E se as experiências não são elaboradas, se não adquirem um sentido, seja ele qual for, com relação à própria vida, não podem se chamar, estritamente, experiências. E, portanto, não pode se transmitir. (LARROSA, 2018, p. 50)

Em uma perspectiva mais individualista de como observar e escrever tem sido transformador pra mim, é como se eu estivesse hoje “apaixonada por esse desejo”, me sinto pequena em relação à grande dificuldade que vejo em mim para escrever, mas ao mesmo tempo vejo o quanto me transformo e transformo a minha interação através da escrita. O convite para escrever com a professora coordenadora do programa, narrar essas experiências, se abriu como um grande desafio, que foi vencido etapa a etapa.

Acredito que o tecer diário é um grande exercício a partir do qual podemos tramar as experiências através das nossas palavras escritas, podemos nos tramar a essas experiências e nos fazer retalhos de uma colcha que não sabemos bem como será. A partir de nossa experiência podemos afirmar que a escrita dos diários

dialógicos criou em mim um distanciamento necessário para fazer a escrita trabalhar em mim subjetivamente, portanto, saí dessa experiência convicta de que escrever era ainda mais difícil do que imaginava, já que escrever:

portanto, não se resume a encontrar boas ideias, nem a planejar recursos expressivos para bem expressá-las, nem encontrar modos de realizar uma interação eficaz com o outro por meio do texto, mas ao ter podido ler o que não sabia que ia escrever, dar a ver, de forma ficcionalizada, a sequência na qual diversos fragmentos (textos lidos, experiências vividas, rumores e falas escutadas) compareceram para formar as ideias que compõem a ficção textual. (RIOLFI, 2003, p. 50)

A partir do compartilhado por nossa experiência e da formulação teórica de Riolfi com a qual vamos tecendo um efeito de fechamento para esta reflexão, pudemos, com essa escrevivência, entender que escrever é muito mais complicado do que imaginava, mas são dessas complicadezas que nos descomprimos, nos descomplicamos e nos aproximamos verdadeiramente um dos outros: no caso, a experiência em questão me aproximou dos alunos, da sala de aula, de uma possível formulação teórica a partir do que estava sendo vivenciado. Existem complicadezas pelas quais vale a pena se comprometer o porquê dessa experiência, a princípio tomada como complicada, mas da qual saímos transformadas. Para transformarmos e transformarmos os outros é que escolhemos ser professoras.

REFERÊNCIAS

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. A experiência e sua linguagem. In: **Tremores: Escritos sobre Experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

RIOLFI, Claudia Rosa. **Ensinar a escrever**: considerações sobre a especificidade do trabalho da escrita. *Leitura: Teoria e Prática / Associação de Leitura do Brasil*. V.21 n. 340. Campinas: AP ALB, Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

AGUILAR, C. **Diários Dialógicos**: Cuadernos de Bitácora. Universidad Jaume I. Sociedad Española de Didáctica de la Lengua y La Literatura: 2005. (p. 149 – 156)